



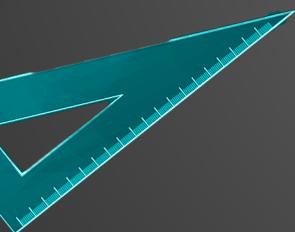
**Atena**  
Editora  
Ano 2020

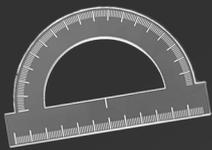


# AS FACES DA EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



OTAINAN DA SILVA MATOS  
CLEIA SILVA PINTO COSTA  
ANDRÉIA VAZ CUNHA DE SOUSA  
JOSÉ ANTONIO MORAES COSTA  
ROSYENE CONCEIÇÃO SOARES CUTRIM  
(ORGANIZADORES)





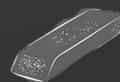
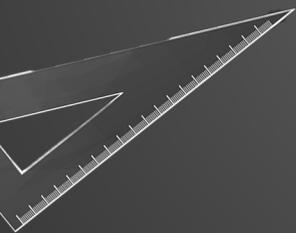
**Atena**  
Editora  
Ano 2020



# AS FACES DA EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



OTAINAN DA SILVA MATOS  
CLEIA SILVA PINTO COSTA  
ANDRÉIA VAZ CUNHA DE SOUSA  
JOSÉ ANTONIO MORAES COSTA  
ROSYENE CONCEIÇÃO SOARES CUTRIM  
(ORGANIZADORES)



**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

#### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Linguística, Letras e Artes**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

#### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## As faces da educação: diálogos na diversidade escolar

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Otainan da Silva Matos... [et al.].

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F138 As faces da educação [recurso eletrônico] : diálogos na diversidade escolar / Organizadores Otainan da Silva Matos... [et al.]. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.  
205 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-346-0 (PDF)

ISBN 978-65-5706-345-3 (Brochura)

DOI 10.22533/at.ed.460200209

1. Educação. 2. Diversidade escolar. 3. Prática de ensino.  
I. Matos, Otainan da Silva. II. Costa, José Antonio Moraes. III. Costa, Cleia Silva Pinto. IV. Souza, Andréia Vaz Cunha de. V. Cutrim, Rosylene Conceição Soares.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

  
**Ano 2020**

## PREFÁCIO

Tecendo a Manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos, se erguendo tenda, onde entrem todos, se entretendendo para todos, no toldo (a manhã) que plana livre de armação. A manhã, toldo de um tecido tão aéreo que, tecido, se eleva por si: luz balão.

João Cabral de Melo Neto

Sinto-me lisonjeado em poder registrar breves impressões sobre este livro. Ele foi concebido, a partir dos esforços dos mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB), pertencente ao Centro de Ciências Sociais- (CCSo) da Universidade Federal do Maranhão – (UFMA), esforços esses semelhantes ao poema de Tecendo a Manhã. Idealizou-se esta obra com a tessitura de várias manhãs, dias, noites e madrugadas de muito estudos, aulas, leituras escritos e reescritos, para que se pudesse chegar ao título proposto pelos autores e coautores do mesmo “***As faces da Educação: diálogos na diversidade escolar***”. Tendo como organizadores Otainan da Silva Matos, Celia Silva Pinto Costa, Andréa Vaz Cunha de Sousa, José Antonio Moraes Costa e Rosyene Conceição Soares Cutrim.

Trata-se de uma obra que reúne, em um conjunto de dezesseis capítulos, cuidadosamente, trabalhos elaborados pelos pós-graduandos sob o olhar dos seus respectivos orientadores do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica da Universidade Federal do Maranhão. Eles foram produzidos a partir das pesquisas oriundas de suas inquietações, que se transformaram em suas obras primas: a dissertação. Desvelam-se em seus escritos, as tendências atuais dos debates e das pesquisas acadêmicas no âmbito do mestrado profissional, desenvolvidas pelo PPGEEB<sup>1</sup>, no campo da educação e as suas diversas faces: “*Filosofia para Crianças, Construção da identidade profissional e docente, relações étnico-raciais, tecnologias, Gênero, Formação inicial e continuada, Educação Inclusiva e Prática Pedagógica.*” Diante disso, se faz mister avultar que essas diversas faces dos escritos educacionais, composto neste livro em tela, nos levam para outros campos/aspectos da educação: a infância, a educação infantil, a

<sup>1</sup> Criado em 2015, o Mestrado Profissional em Gestão de Ensino da Educação Básica é o segundo da UFMA e é o primeiro da área da educação no Maranhão. O Programa está composto atualmente por vinte e três docentes de diferentes áreas curriculares que compõem a Educação Básica. O Objetivo do Curso é formar profissionais para desenvolverem saberes, competências e habilidades específicas nas áreas do ensino da Educação Básica, levando em conta a incorporação e atualização permanentes dos avanços da ciência e das tecnologias educacionais. O profissional formado deverá ter como foco a gestão de ensino, a pesquisa, visando a proposição de inovações e aperfeiçoamentos dos conhecimentos e tecnologias educacionais para a solução de problemas do ensino na Educação Básica. Fonte: [https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/apresentacao\\_stricto.jsf?lc=pt\\_BR&idPrograma=1381](https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/apresentacao_stricto.jsf?lc=pt_BR&idPrograma=1381) acesso em Maio de (2020).

leitura, a alfabetização, o ensino de línguas portuguesa e inglesa, a educação física, as deficiências visual e intelectual, a identidade de gênero e, por fim, a pesquisa nas suas diversas facetas, desenvolvidas pelos seus escritores.

Nesse contexto, importa destacar que os textos desta obra, instigam os leitores à reflexão, dispendo à sua leitura crítica, algumas possibilidades interpretativas sobre importantes questões pertinentes à educação básica.

Parabéns pela iniciativa em tornar públicos os estudos do PPGEEB com a produção deste livro!

Sucesso!

São Luís- MA, maio de 2020

José Carlos de Melo

## **REFERENCIA**

MELO NETO, João Cabral de. Obra completa: volume único. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira).

## APRESENTAÇÃO

“Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática”.

Paulo Freire

A construção de diversas análises sobre a educação é o que conduz o desenrolar dessa apresentação. Esse assunto que tanto permeia à sociedade, emerge da necessidade de mudanças significativas em nosso país. Diante desse cenário, a presente obra, **“As faces da Educação: diálogos na diversidade escolar”**, corrobora estritamente para as mais diversas áreas da educação escolar como, Filosofia, Pedagogia, Geografia, Tecnologia, Educação Física, Artes, Identidade de Gênero, Biologia, Português, Inglês, Sociologia, todas essas, em seus sentidos mais simbólicos e integrantes.

Esta obra origina-se da colaboração de estudantes de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica (PPGEEB), que tem como propósito, estudar as condutas dos formadores de opiniões, investigar os espaços escolares e suas mais variadas formas de ensinar e aprender, entre aluno e professor, coordenador e gestor e todas as relações que ajudam na construção da educação. Nesse sentido, os mestrandos e seus respectivos orientadores concordam com a elaboração deste trabalho, visto que ele servirá de arcabouço teórico para estudantes, docentes, gestores, coordenadores e para aqueles que se interessam por leituras e estudos vinculados às diversas faces da educação.

Com isso, a construção dos capítulos se deram da seguinte forma:

- **Filosofia para Crianças:** a concepção de infância e o sentido do adulto em miniatura – Ms. Otainan da Silva Matos; Ms. Kátia Regina dos Santos Castro e Dr. José Carlos de Melo.

- **A Constituição da Identidade Profissional de Alfabetizadores:** narrativas de docentes integrantes do grupo de estudo e pesquisa “O ensino de língua portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental” – Ms. Cleia Silva Pinto Costa; Ms. Rosiara Costa Soares e Dr<sup>a</sup>. Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes.

- **A Identidade Profissional Docente e o Ensino de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa** – Ms. Cláudia Cristina Cólins Pereira; Rakell Ainy Freitas Luz e Dr<sup>a</sup> Marize Barros Rocha Aranha.

- **Relações Étnico-Raciais e Infância:** valorização das diferenças e prevenção de preconceitos na educação infantil – Ms. Lucileide Martins Borges Ferreira; Luanda Martins Campos e Dr. Antonio de Assis Cruz Nunes.

- **A Formação da Identidade Docente na Perspectiva da Interculturalidade** – Ms. Luanda Martins Campos; Ms. Mírian Ferreira da Silva Borgea e Dr<sup>a</sup> Viviane Moura da

Rocha.

- **Práticas Pedagógicas Interculturais:** relato de experiência na disciplina de Educação Física – Ms. Ludmilla Silva Gonçalves e Dr. Raimundo Nonato Assunção Viana.

- **O Ser e o estar Formador/a na Escola:** um dilema para o/a Coordenador/a Pedagógico/a – Ms. Alexandrina Colins Martins e Dr<sup>a</sup> Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes.

- **A Formação de leitores nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental:** um relato de experiência na turma do 2º ano de uma escola da rede pública municipal de Paço do Lumiar- Maranhão - Ms. Andréia Vaz Cunha de Sousa; Ms. Érica Patrícia Marques de Araújo e Dr. Samuel Luis Velázquez Castellanos.

- **Ideologias das Brincadeiras x Brinquedos de Meninos x Meninas** – Ms. Rachel Bonfim da Silva e Dr<sup>a</sup> Sirlene Mota Pinheiro.

- **Construção de Saberes no Mestrado Profissional e Formação Docente em Gêneros e Sexualidades** – Ms. Rosyene Conceição Soares Cutrim e Dr<sup>a</sup> Sirlene Mota Pinheiro.

- **A Gangue como Sintoma de Falência do Modelo Capitalista** – Ms. Daulinda Santos Muniz e Dr<sup>a</sup> Elisa Maria dos Anjos.

- **Do Sul ao Norte:** um diálogo sobre a formação inicial de professores de Geografia – Ms. Yuri Barros Lobo da Silva; Ms. Jucileide Melonio Pereira e Dr<sup>a</sup> Maria José Albuquerque Santos.

- **A Educação Inclusiva e a Deficiência Intelectual:** desafios curriculares para a prática pedagógica – Ms. Gínia Kênia Machado Maia; Ms. Cleomar Lima Pereira e Dr<sup>a</sup> Lívia da Conceição Costa Zaqueu.

- **Os Corpos e a Escola:** a dança como lente – Ms. Érica Silva Pinto e Dr. Raimundo Nonato Assunção Viana.

- **Estado da Arte:** tecnologia móvel para auxiliar crianças com Transtorno do Espectro Autista – Ms. Máira Carla Moreira Aragão e Dr. João Batista Bottentuit Junior.

- **Tecnologia Assistiva para Estudantes com Deficiência Visual:** uma análise a respeito da produção científica – Ms. Aline Aparecida Nascimento Frazão e Dr<sup>a</sup> Lívia da Conceição Costa Zaqueu.

Quando me deparo com a literatura educacional, especificamente do Brasil, vejo um amplo desafio, no que concerne às formações e práticas dentro ambiente escolar. Vejo uma política que rejeita as escolas e finge que a educação está acontecendo. Vejo crianças sedentas por conhecimento, que fará a diferença na caminhada da vida e que muitas vezes, não adquire. Vejo docentes fingindo ensinar e alunos fingindo aprender. Vejo docentes superestimando o ensino tradicional porque lutam contra a inovação e as novas formas de aprender. É certo que isso existe. Contudo, também vejo políticas públicas positivas na luta pelo rendimento escolar. Vejo professores ofertando o melhor de si, para educar os seus alunos. Vejo o suor de docentes nas quadras de esporte.

Vejo os educadores de salas de recursos multifuncionais integrando os que precisam. Vejo laboratórios de informática atendendo a demanda escolar para informatizar os alunos. Vejo os gestores buscando formação continuada, a fim de aperfeiçoar as práticas educativas. Vejo docentes ofertando recursos financeiros, para que não falte material educacional. Vejo o esforço dos gestores para efetuar uma matrícula. São com esses por menores, que vejo a luta dos profissionais em prol de uma educação para o mundo.

Diante desse contexto, é importante salientar que a prática educativa percorre diversas formas, métodos e caminhos distintos. Assim sendo, ela somente acontece de forma eficiente, se percebermos que ela é plural e interdisciplinar. Portanto, prezado (a) leitor (a), você encontrará nesta obra, uma diversidade de contextos voltados para o ato de educar. Esta coletânea almeja apresentar as múltiplas faces da educação. Além disso, busca-se esclarecer as aproximações e distanciamentos de conceitos entre o ensino e a aprendizagem.

Nos capítulos que regem este livro, encontrarás abordagens que estimulam e ampliam seus conhecimentos acerca de filosofia para crianças, formação de professores, o corpo e seus movimentos, identidade de gênero, artes, ensino de geografia, tecnologia na educação, educação especial, alfabetização, identidade profissional, relação étnico-racial, práticas educacionais, sociologia e suas diversas configurações na instância escolar.

Boa leitura!

Otainan da Silva Matos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E O SENTIDO DO ADULTO EM MINIATURA	
Otáinan da Silva Matos	
Kátia Regina Santos Casto	
José Carlos de Melo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4602002091</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE ALFABETIZADORES: NARRATIVAS DE DOCENTES INTEGRANTES DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA “O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL”	
Cleia Silva Pinto Costa	
Rosiara Costa Soares	
Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4602002092</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
A IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E DE LÍNGUA INGLESA	
Cláudia Cristina Cólins Pereira	
Rakell Ainy Freitas Luz	
Marize Barros Rocha Aranha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4602002093</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>40</b>
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A INFÂNCIA: VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS E PREVENÇÃO DE PRECONCEITOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Lucileide Martins Borges Ferreira	
Luanda Martins Campos	
Antonio de Assis Cruz Nunes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4602002094</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>51</b>
A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE NA PERSPECTIVA DA INTERCULTURALIDADE	
Luanda Martins Campos	
Mirian Ferreira da Silva Boguea	
Viviane Moura da Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4602002095</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>63</b>
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Ludmilla Silva Gonçalves	
Raimundo Nonato Assunção Viana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4602002096</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>73</b>
O SER E O ESTAR FORMADOR/A NA ESCOLA: UM DILEMA PARA O/A COORDENADOR/A PEDAGÓGICO/A	
Alexandrina Colins Martins	
Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4602002097</b>	

**CAPÍTULO 8 ..... 85**

A FORMAÇÃO DE LEITORES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA TURMA DO 2º ANO DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE PAÇO DO LUMIAR- MARANHÃO

Andréia Vaz Cunha de Sousa  
Érica Patrícia Marques de Araújo  
Samuel Luis Velázquez Castellanos

**DOI 10.22533/at.ed.4602002098**

**CAPÍTULO 9 ..... 97**

IDEOLOGIAS DAS BRINCADEIRAS X BRINQUEDOS DE MENINOS X MENINAS

Rachel Bonfim da Silva  
Sirlene Mota Pinheiro

**DOI 10.22533/at.ed.4602002099**

**CAPÍTULO 10 ..... 107**

CONSTRUÇÃO DE SABERES NO MESTRADO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO DOCENTE EM GÊNEROS E SEXUALIDADES

Rosylene Conceição Soares Cutrim  
Sirlene Mota Pinheiro da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.46020020910**

**CAPÍTULO 11 ..... 122**

A GANGUE COMO SINTOMA DE FALÊNCIA DO MODELO CAPITALISTA

Daulinda Santos Muniz  
Elisa Maria dos Anjos

**DOI 10.22533/at.ed.46020020911**

**CAPÍTULO 12 ..... 130**

DO SUL AO NORTE: UM DIÁLOGO SOBRE A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Yuri Barros Lobo da Silva  
Jucileide Melonio Pereira  
Maria José Albuquerque Santos

**DOI 10.22533/at.ed.46020020912**

**CAPÍTULO 13 ..... 144**

A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: DESAFIOS CURRICULARES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Ginia Kênia Machado Maia  
Cleomar Lima Pereira  
Lívia da Conceição Costa Zaqueu

**DOI 10.22533/at.ed.46020020913**

**CAPÍTULO 14 ..... 155**

OS CORPOS E A ESCOLA: A DANÇA COMO LENTE

Raimundo Nonato Assunção Viana  
Érica da Silva Pinto

**DOI 10.22533/at.ed.46020020914**

**CAPÍTULO 15 ..... 163**

ESTADO DA ARTE: TECNOLOGIA MÓVEL PARA AUXILIAR CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Maíra Carla Moreira Aragão

João Batista Bottentuit Junior

**DOI 10.22533/at.ed.46020020915**

**CAPÍTULO 16 ..... 169**

TECNOLOGIA ASSISTIVA PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL: UMA ANÁLISE A RESPEITO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Aline Aparecida Nascimento Frazão

Lívia da Conceição Costa Zaqueu

**DOI 10.22533/at.ed.46020020916**

**SOBRE OS ORGANIZADORES..... 190**

## A IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E DE LÍNGUA INGLESA

*Data de aceite: 05/07/2020*

### **Cláudia Cristina Cólins Pereira**

Graduada em Letras pela Universidade Federal do Maranhão. Mestranda em Gestão de Ensino da Educação Básica pelo Programa de Pós-graduação em Gestão de Ensino da Federal do Maranhão. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (Ifma)/Campus São Luís-Monte Castelo). E-mail: claudiacolins@ifma.edu.br.

### **Rakell Ainy Freitas Luz**

Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão. Mestranda em Gestão de Ensino da Educação Básica pelo Programa de Pós-graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica da Universidade Federal do Maranhão. Professora da Rede Municipal de Ensino e do Centro Educacional Montessoriano Reino infantil. E-mail: prof.ainy@hotmail.com.

### **Marize Barros Rocha Aranha**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> da Universidade Federal do Maranhão (Ufma) e coordenadora do Grupo de Pesquisa em Ensino de Línguas e Discurso (GruPELD). E-mail: aranha.marize@gmail.com

**RESUMO:** O presente artigo trata da identidade do professor de línguas no Brasil, particularizando as Línguas Portuguesa e Inglesa. Fundamentamo-nos em aportes

teóricos que abordam a Linguística Aplicada ao ensino de línguas, bem como as contribuições de Lima (1985), Almeida Filho (1991), Schmitz (1992), Pimenta (1997), Faraco e Castro (1999), Lopes (2006), Papi (2005), Gauthier et al. (2006), Saussure (2006), Teyssier (2007), Amora (2009), Menezes, Silva e Gomes (2009), Aquino (2010), Di Raimo e Peron (2010), Paula (2010), Selbach (2010), André (2012), Sousa (2012), Miller (2013), Tardif (2014), Bittencourt et al. (2015), Aranha (2015), Leffa (2016) e por documentos legais, dentre eles, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PNC). Nas fontes consultadas, há considerações acerca do uso da linguagem, ao ensino de línguas e à construção da identidade docente. Desse modo, esperamos que esse estudo contribua de forma significativa para a reflexão acerca da identidade profissional docente. Além disso, constatamos que o EU – professor se constrói a partir de sua prática e dos saberes e crenças que interferem em sua formação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade profissional. Línguas portuguesa e inglesa. Linguística aplicada. Docente.

### **INTRODUÇÃO**

É complexo tratar do desenvolvimento

peçoal e profissional de um indivíduo. Nesse sentido, uma vez que nosso objetivo é discutir a construção da identidade do professor, faz-se ainda mais amplo dimensionar quão inúmeros são os fatores que participam dessa construção. Entendemos, assim, que os valores, as crenças, o conhecimento adquirido e o exercício da profissão inexoravelmente não só interferem nesse processo como também participam da formação docente. Sabemos que a realidade da sala de aula para a maioria dos profissionais da educação está distante daquilo que seria o ideal para práticas pedagógicas eficientes no processo de ensino e aprendizagem.

Desse modo, o presente artigo objetiva fazer algumas reflexões acerca da construção da identidade do professor de línguas, considerando, a partir do processo de formação desse profissional, alguns aspectos que consideramos relevantes para a organização das identidades, o seu fazer pedagógico, particularizando os professores das Línguas Portuguesa e Inglesa.

Para a materialização de nosso estudo, este trabalho está dividido em quatro partes principais, a primeira que trata do ensino de línguas no Brasil, especificamente as Línguas Portuguesa e Inglesa, a segunda, a Linguística Aplicada (LA) e o ensino de línguas, pormenorizando as Línguas Portuguesa e Inglesa; a terceira, a construção da identidade profissional docente, a partir das vivências e saberes dos profissionais de Língua Materna (LM) e da Língua Estrangeira Inglês e, a última parte, traz algumas considerações finais sobre o assunto apresentado.

## **O ENSINO DE LÍNGUAS NO BRASIL**

O idioma português brasileiro, que conhecemos e falamos, passou por várias modificações e adaptações desde sua inserção em terras tupiniquins no período colonial, quando a língua foi ensinada pelos jesuítas por meio da catequização. A partir de 1822, o português brasileiro ainda sofreu influências dos imigrantes europeus de modo que no final do século XIX, o português falado no Brasil diferenciou-se ainda mais da língua portuguesa falada em Portugal.

Desse modo, as discussões envolvendo as diferenças do idioma ganharam espaço por meio da literatura, durante as fases do Romantismo e do Modernismo, motivando a população a valorizar a variedade brasileira da Língua Portuguesa. Segundo Teyssier (2007, p. 111), a questão da língua no Brasil vai além das discordâncias entre gramáticos, mas é “[...] um problema nacional da mais alta importância”. No âmbito dessa discussão, é com o Romantismo que a questão da língua se volta para os escritores, destacando-se entre outros, José de Alencar que, apesar das críticas sofridas na época, conserva em seus escritos a língua em seu aspecto mais original, buscando utilizar-se da língua por meio de uma expressão autêntica. Nas palavras do autor: “[...] Sem jamais pretender

escrever numa língua diferente do português europeu, ele reivindica o direito a uma certa originalidade. O que recusa é o purismo mesquinho e estéril; o que procura é uma expressão nova, autêntica e viva” (TEYSSIER, 2007, p. 111).

Todavia, é com o Modernismo que vivenciamos um novo fôlego nas mudanças pelas quais a Língua haveria de passar. Com esse movimento, o Brasil vivencia mudanças culturais e artísticas cruciais para definir a originalidade propriamente dita no português do Brasil. Nesse sentido, “O Modernismo alia a recusa da tradição e dos preconceitos, proclamada no estilo das vanguardas europeias, a um esforço tenaz para definir uma originalidade propriamente brasileira” (TEYSSIER, 2007, p. 112).

Nessa perspectiva, esse momento de ruptura e mudanças permitiu a utilização de uma língua mais próxima da fala e das muitas formas de sua utilização colocando-se, assim, mais distante do tradicionalismo e do purismo lusitano. Além disso, essa abertura, que trouxe as inovações linguísticas oriundas do Modernismo, ainda encontra em nossos dias a necessidade de muitos estudos e investigações. Hoje o português do Brasil se constitui de uma rica variedade linguística resultante de todo o seu processo de formação e das influências sofridas de outras línguas, conforme já explicitado. Tal fato tem sido objeto constante de pesquisas e estudos de linguistas (AQUINO, 2010). De acordo com Faraco (2005 *apud* AQUINO, 2010), embora haja mudanças, a língua não perde seu caráter sistêmico. Assim, na visão do autor:

[...] é importante salientar que a mudança gera contínuas alterações na estrutura das línguas sem que se perca o seu potencial semiótico; independente da mudança continua organizada e oferecendo a seus falantes os recursos necessários para a circulação dos significados. Além disso, mesmo que a língua se movimente, nunca perderá seu caráter sistêmico. (FARACO, 2005 *apud* AQUINO, 2010, p. 20).

O ensino de línguas estrangeiras no Brasil, particularmente de Língua Inglesa, vem também sofrendo transformações e adaptações ao longo do tempo no que concerne às questões metodológicas, às abordagens de ensino, às leis e diretrizes governamentais, assim como em sua matriz curricular, com vistas a suprir as demandas e anseios de uma sociedade cada vez mais conectada, bem como propiciar o ensino-aprendizagem dos estudantes em um outro idioma.

Nesse sentido, o professor de línguas deve atentar-se durante seu planejamento à correlação entre os conteúdos a serem trabalhados e os fatos e ações para que os temas ou tópicos propostos façam sentido para o aluno, visto que “[...] aprender é sempre um processo produtivo, pessoal, reconfigurativo, e a apreensão dos fatos se dá a partir da percepção da íntima ligação existente entre eles.” (SELBACH, 2010, p. 98).

## O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

Sabe-se que a língua é viva e dinâmica e, por meio dela, o ato comunicativo se processa (SOUSA, 2012). No entanto, inúmeras são as dificuldades que se tem observado no ensino

de Língua Portuguesa na maioria das escolas brasileiras. Tais entraves são oriundos de um ensino obsoleto, no qual frases soltas e o ensino da palavra pela palavra é o que predomina nas práticas pedagógicas, dificultando o processo de ensino e aprendizagem. Saussure (2006, p. 17), estabelecendo a diferença entre língua e linguagem, afirma que “[...] a língua é um produto social da faculdade de linguagem”. Isso nos conduz à reflexão de que não é possível compreender a existência humana sem necessariamente associá-la à linguagem e aos padrões de uso da linguagem.

A língua e a linguagem são elementos essenciais que, no processo comunicativo, favorecem a interação entre os indivíduos. Portanto, faz-se imprescindível que o processo de ensino-aprendizagem da língua materna contemple os aspectos interacionais, ou seja, o ensino de língua não pode estar desvinculado da realidade do aluno nem se distanciar da real utilização da língua, já que as situações de uso do código constituem-se como o que pode favorecer o interesse do aluno pelo aprendizado da língua. Podemos observar, assim, que o ensino de Língua Materna fundamentado no tradicionalismo da gramática normativa tem sido alvo de crítica e de reflexão, visto que um dos entraves para a eficiência do processo de ensino-aprendizagem da língua está no distanciamento que o ensino normativo estabelece para o aprendizado do aluno. De acordo com Faraco e Castro (1999, p. 1)

A crítica básica e fundamental dos linguistas ao ensino tradicional recaiu sobre o caráter essencialmente normativo do trabalho com a linguagem nas escolas brasileiras. Segundo essa crítica, as nossas escolas, além de considerarem a realidade multifacetada da língua, colocaram de forma desproporcional a transmissão das regras e conceitos presentes nas gramáticas tradicionais como o objeto nuclear de estudo, confundindo, em consequência, ensino de língua com o ensino de gramática.

Segundo Lima (1985), sobre o ensino de língua no Brasil, podemos entender que o ensino das regras gramaticais pressupõe o aprendizado da Língua Portuguesa e que o professor de português, por entender que essa metodologia formalista de ensino compromete a capacidade de o aluno redigir, compreender e interpretar textos, busca no estudo da ciência da linguagem o aparato metodológico que o conduza a uma visão mais ampla de o que ensinar e como ensinar a língua em sala de aula.

Vale ressaltar que, a pragmática e o formalismo no ensino da língua têm gerado uma problemática ainda maior, já que com essa prática o profissional de Língua Portuguesa não possibilita que seus alunos adquiram a experiência de conhecer, trabalhar e desvendar a realidade da língua por meio do texto. O ensino de Língua Portuguesa não deve ser desenvolvido sem que ao aluno seja dada a oportunidade de compreender o texto como um tecido organizado de sentido, que é entendido a partir da reflexão e da interação autor, leitor e texto. Isto posto, faz-se necessário que a prática do ensino de língua na escola priorize a realidade do texto dando ao aluno a oportunidade de descobrir, refletir, criticar, analisar, compreender, interpretar e construir textos orais e escritos a partir de um trabalho pedagógico que prime pela formação de alunos-leitores e, conseqüentemente,

produtores de texto.

É preciso refletir sobre o papel da escola como formadora de alunos-leitores do mesmo modo que, nessa perspectiva, analisamos o importante papel do professor nessa questão, sua formação, sua prática, seus saberes, ou seja, professor-leitor forma aluno-leitor ou ainda se o professor não possui essa prática, poderá desenvolver em seus alunos o prazer pelo ato de ler? O que queremos esclarecer é tão somente que o papel da escola e do professor não é formar decodificadores, mas possibilitar a formação de leitores e produtores de texto competentes linguisticamente.

Segundo Bittencourt *et al.* (2015, p. 29), “[...] a leitura e a escrita são processos interdependentes, complementares e indissociáveis”. Todavia, embora a literatura nos permita esse entendimento, o que se tem não só nas séries iniciais, como também nas universidades são alunos como meros decodificadores, ou seja, leem com dificuldade, não compreendem o que leem e, por conseguinte, todo o aspecto redacional é comprometido visto que, se ele não compreende o que lê, certamente terá dificuldade de se posicionar por meio da escrita na produção de textos.

Portanto, cabe à escola o importante papel de formar cidadãos que, além de outras competências e habilidades, devem ser competentes linguisticamente. Desse modo, o domínio da leitura e da escrita é fundamental para a participação efetiva do educando na sociedade, visto que é por meio dela que se dá o processo comunicativo, o acesso à informação e a construção do conhecimento.

Ressaltamos, assim, a importância das discussões elaboradas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) cujo objetivo é contribuir para as reflexões acerca das práticas pedagógicas, formação e atualização profissional além de, no âmbito do ensino da Língua Portuguesa, contribuir para as discussões relacionadas à formação de leitores e escritores proficientes e, conseqüentemente, desenvolver a eficiência da comunicação e expressão do aluno. Desse modo, os PCN têm como “[...] finalidade constituir-se em referência para as discussões curriculares da área e contribuir no processo de revisão e elaboração de novas propostas.” (BRASIL, 1997, p. 13). Além disso, sobre a necessidade de melhorar o ensino no país, o referido documento ressalta que:

O ensino de Língua Portuguesa tem sido, desde os anos 70, o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade do ensino no país. O eixo dessa discussão no ensino fundamental centra-se, principalmente, no domínio da leitura e da escrita pelos alunos, responsável pelo fracasso escolar [...] (BRASIL, 1997, p.17).

Nesse sentido, podemos considerar que desenvolver a competência comunicativa do aluno é também possibilitar a ele o domínio da leitura e da escrita, considerando que tais fatores também permitem a inserção do indivíduo na sociedade.

## O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL

A história da Língua Inglesa inicia-se com o povo celta, que em seu primórdio habitava a Grã-Bretanha e, por ter sido dominado pelos romanos, sofreu forte influência possibilitando que o latim estivesse presente em muitos dos vocábulos dessa língua (ARANHA, 2015). Na Idade Média, “[...] foram os dialetos falados pelos germânicos, anglos e saxões que deram origem à Língua Inglesa”, e o desuso do latim em detrimento a outras é citado pela mesma autora, a seguir: “No início do Renascimento, na Idade Média, as línguas vernáculas como: francês, alemão, italiano, espanhol e inglês tornam-se, gradativamente, mais importantes que a própria língua latina, que foi, aos poucos, deixando de ser falada” (ARANHA, 2015, p. 112 e 122).

No período renascentista, a língua com maior destaque era o francês, posto que a França se destacou perante as demais nações devido ao seu apogeu cultural e, saber francês dava ao indivíduo certo status social, uma vez que eram os literatos e burgueses daquela época que falavam esse idioma. No período Pós-Guerra Fria, compreendendo o período entre o final da Segunda Guerra Mundial (1945) e a extinção da União Soviética (1991), os Estados Unidos tornaram-se uma grande potência mundial, política, cultural e econômica e, por força de sua hegemonia, a Língua Inglesa constituiu-se a língua em uso. Todas essas transformações e influências são refletidas no histórico por que passou o ensino de línguas estrangeiras no Brasil, especificamente o ensino de Língua Inglesa, pois, de acordo com Leffa (2016, p. 50-51):

[...] com a chegada da Família Real, em 1808, posteriormente com a criação do Colégio Pedro II, em 1837, e finalmente com a reforma de 1855, que o currículo da escola secundária começou a evoluir para dar ao ensino de línguas modernas um status pelo menos semelhante ao das línguas clássicas.

Vale ressaltar que, segundo o autor supracitado, o grego e o latim são consideradas línguas, e o francês, o inglês, o alemão e o italiano se constituem como línguas modernas. Desse modo, nesse mesmo período de certo prestígio dado às línguas modernas, ocorreu também seu declínio, posto que houve uma redução nos anos subsequentes acerca da carga horária semanal destinada ao ensino de línguas. Por conseguinte, a Reforma de 1931 introduziu alterações quanto ao conteúdo e à metodologia de ensino, como a redução da carga horária do ensino de latim e a introdução do método direto (LEFFA, 2016, p. 57). Ainda de acordo com o autor, foi a Reforma Capanema (1942) que: “sob uma perspectiva histórica, [...], formam os anos dourados das línguas estrangeiras no Brasil.”

A partir da hegemonia política, econômica, cultural e social dos Estados Unidos e sua grande influência em outros países, existe a necessidade de uma redefinição da matriz curricular e dos métodos de ensino de línguas estrangeiras, com foco maior nas abordagens de ensino, uma vez que a Língua Inglesa passa a ser considerada uma língua franca universal. No Brasil, apesar de algumas inserções e alterações, via leis e diretrizes educacionais, mesmo com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação

(LDB), nº 4.024, em 1961, e a LDB de 1971, nº 5.692, há a manutenção da redução da carga horária de ensino de línguas estrangeiras, entres as quais a Língua Inglesa (LEFFA, 2016).

Não obstante aos poucos avanços ocorridos no ensino de línguas no Brasil, a LDB/1996, nº 9.394, apenas registra a necessidade do ensino de uma língua estrangeira no ensino fundamental e da obrigatoriedade de uma língua estrangeira moderna, a ser escolhida pela comunidade escolar e uma segunda de caráter optativo, sendo, em geral, a língua espanhola a ofertada, quando há. (LEFFA, 2016). Posteriormente, foram criados vários documentos legais para fins de complementar a nova LDB, entre os quais os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e, particularizando para o ensino de línguas, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM): Linguagens, Códigos Curriculares e suas Tecnologias. Considerando um segundo momento, que é a publicação dos OCEM, vale ressaltar na seção sobre Língua Estrangeira Moderna, no item sobre interdisciplinaridade, que versa que:

Todo projeto que se propõe interdisciplinar deve sê-lo a partir de sua concepção, implementação e avaliação, durante e ao final do processo. Além do seu caráter nitidamente agregador, [ela] favorece a contextualização, recurso importante para a aprendizagem significativa, pela associação que estabelece com aspectos da vida cotidiana, escolar e do mundo do trabalho. (BRASIL, 2002, p. 111).

Desse modo, corroboramos com a ideia da interdisciplinaridade e cremos que, o uso das tecnologias a serviço da Educação, seja um dos caminhos possíveis para que, se alinhadas às propostas curriculares e aos métodos de ensino, possam trilhar por dias mais produtivos no processo ensino-aprendizagem de línguas. No que tange ao ensino de Língua Inglesa, principalmente no Brasil, a realidade da aquisição do idioma precisa ser algo concreto, efetivo e, nesse sentido, nas várias etapas curriculares até o ensino médio, Leffa (2016, p. 61) enfatiza que as OCEM: “[...] trazem para o ensino de línguas, a perspectiva do letramento digital, associando educação com tecnologia [...], para chegar às dimensões cultural, intercultural e crítica da aprendizagem.” No entanto, a realidade dos processos educativos no Brasil nos relevam que há muito a ser feito, já que há um contrassenso entre o que os documentos oficiais norteiam os profissionais da educação e de línguas, quando privilegiam a habilidade de leitura nesse processo ensino-aprendizagem, em detrimento às demais habilidades que, se trabalhadas juntas, garantiriam uma maior efetividade no aprendizado da língua-mãe e na aquisição de uma língua estrangeira.

## **A LINGÜÍSTICA APLICADA E O ENSINO DE LÍNGUAS**

Em linhas gerais, há uma discussão sobre a origem e a fundamentação teórico-científica da Linguística Aplicada (LA). Há teóricos que advogam a tese de que a LA é

uma subárea da Linguística em seu arcabouço teórico, sendo inclusive pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), considerada uma subdivisão da Linguística, e há teóricos e autores que acreditam que a LA pouco se fundamenta na Linguística. Segundo Menezes, Silva e Gomes (2009, p. 4), “A LA se expandiu na segunda metade do século passado, tanto no exterior como no Brasil, com a criação, [...] de muitas linhas de pesquisa, programas de pós-graduação ou área de concentração em LA”. No que tange ao seu desenvolvimento, a LA perpassou por algumas áreas, especialmente das Ciências Sociais, como a Sociolinguística, a Antropologia, a Psicologia, priorizando campos teóricos que também se preocupam com a linguagem. Ao tratar acerca da linguagem com foco em pesquisas de LA, Rajagopalan (2011, p. 2 *apud* MILLER, 2013, p. 103) reitera que,

Pensar a linguagem no âmbito da vida cotidiana que nós estamos levando. [...] É pensar, não como se pensou durante muito tempo: levar a teoria para a vida prática. Mais que isso, é usar a prática como próprio palco de criação de reflexões teóricas, ou seja, neste âmbito, teoria e prática não são coisas diferentes. A teoria é relevante para a prática porque é concebida dentro da prática.

Almeida Filho (1991, p. 2) registra algumas maneiras de entender a LA como um campo de investigação, que seriam: “[...] observar os problemas ou tópicos que se transformam em objetos de seu estudo e interpretação [ou] examinar os seus fins ou objetivos [ou] pensar com cuidado as suas propostas ou produtos”. Isso coloca essa ciência aplicada como um importante meio de estudo e análise do ensino de línguas.

## **A LINGUÍSTICA APLICADA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

O ensino de Linguística Aplicada à Língua Materna auxilia na compreensão da linguagem, particularmente como prática social e interativa. De um modo geral, a LA é analisada como uma área de investigação da linguagem cujo foco é o ensino-aprendizagem da LM entre outros. Assim, no intuito de estabelecer uma definição sobre LA, Menezes, Silva e Gomes (2009, p. 25) afirma que:

Parece haver consenso de que o objeto de investigação da Linguística Aplicada é a linguagem como prática social, seja no contexto de aprendizagem de língua materna ou de outra língua, seja em qualquer outro contexto em que surjam questões relevantes sobre o uso da linguagem.

Além disso, vale ressaltar ainda que, inicialmente, a LA era estudada como uma subárea da linguística e entendida como aquela que se preocupava apenas em investigar os problemas relacionados com o ensino de língua estrangeira e com as traduções. Todavia, com a evolução dos estudos linguísticos, ela passou a ter um caráter autônomo, de modo a ser entendida como a que se preocupa em investigar todos os campos da atividade humana em que a linguagem exerce um papel de importância.

Conforme explica Lopes (2006), a partir de 1980, a importação de teorias que, até

então ocorria da linguística, desloca-se para outras áreas das ciências humanas e sociais de forma que não foi rompido esse método de empréstimo nas práticas investigativas em LA, mas ocorreu a dispersão das fontes para outras áreas das ciências humanas e sociais. Tais fatos propiciam para a LA um caráter interdisciplinar que, segundo o autor,

[...] esse movimento interdisciplinar de empréstimo é fundamental para a emergência de muitos dos enfoques atuais em LA, que vão buscar em outras disciplinas seus fundamentos e métodos. [...] As mudanças nas crenças e, conseqüentemente, no fazer dos linguistas aplicados brasileiros implicaram transformações não só nos objetos eleitos para pesquisa, como também nos métodos e nos recortes teóricos (interdisciplinares) propostos. (LOPES, 2006, p. 254-255).

Nessa perspectiva, a LA tem se voltado também a explicar os fenômenos relacionados ao ensino-aprendizagem de LM e as práticas pedagógicas que possam facilitar o processo de ensino e aprendizagem de modo a tornar o ensino de Língua Materna dinâmico e relacionado à realidade do aluno. Desse modo, analisando o quadro em que se encontra o ensino de Língua Portuguesa no Brasil, pode-se constatar que inúmeros são os desafios enfrentados pelo professor no sentido de melhorar as práticas de ensino em sala de aula, principalmente no que concerne à leitura e à produção de texto. Dentre estas práticas pedagógicas, as novas tecnologias devem ocupar um papel importante no sentido de melhorar o trabalho do professor em sala de aula.

Todavia, embora vivamos no século XXI e as novas tecnologias façam parte do cotidiano do professor e dos alunos, não há uma mudança nas práticas de ensino de modo a incluir os avanços tecnológicos para tornar as aulas atrativas e menos monótonas. Contudo, temos a convicção de que só pode haver mudança no ensino se o professor também se propuser a mudar. E, nesse aspecto, a inclusão da tecnologia seria um dos fatores que poderiam estimular o aprendizado do aluno e mudar a realidade do ensino de LM nas escolas brasileiras.

Portanto, a LA ao ensino de Língua Portuguesa visa colaborar com as práticas de ensino em sala de aula proporcionando a dinamização das aulas, motivando os alunos a fim de que haja melhores resultados no ensino de Língua Materna além de reduzir principalmente as dificuldades no âmbito da leitura e da escrita, favorecendo a inclusão social de modo que, por meio de práticas pedagógicas mais motivadoras, tenhamos salas de aula com alunos mais estimulados na aquisição do conhecimento.

Portanto, na esteira das reflexões propiciadas pela Linguística Aplicada e de sua relevância para o ensino de Língua Materna compreendemos que, além das pesquisas empreendidas, essa ciência aplicada também busca refletir acerca da importância da formação docente para a construção do conhecimento e para as mudanças que precisam acontecer no ensino de Língua Portuguesa nas escolas.

## A LINGUÍSTICA APLICADA E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Apesar de a Linguística Aplicada ter atuado, inicialmente, no ensino da Língua Materna e da tradução e, posteriormente, em pesquisas nas áreas de letramento, identidades, análise do discurso, entre outros, e de ter atuado no ensino de línguas estrangeiras, particularmente no ensino de Língua Inglesa, que ainda é uma área de grande representação para a LA, ela tomou uma amplitude muito maior. Nos dias atuais, a LA é uma área que se preocupa com o estudo das linguagens, mas na acepção de heterogeneidade. Na visão de Schmitz (1992, p. 217)

Em certas instituições, o estudo da Aquisição de Linguagem é da alçada de um departamento de linguística, ao passo que em outros estabelecimentos este estudo se encontra num departamento de psicolinguística. Todavia, quando se trata de Aquisição de Segunda Língua, via de regra, esta área 'pertence' à Linguística Aplicada.

E quando se trata de considerar a LA como área de investigação, ela tem a linguagem como foco principal. Considerando ainda o objeto de investigação da LA, conforme cita Menezes, Silva e Gomes (2009, p. 4): “[...] é a linguagem como prática social, seja no contexto de aprendizagem de língua materna ou outra língua, seja em qualquer outro contexto onde surjam questões relevantes sobre o uso da linguagem.” Nessa conjuntura, o professor precisa refletir criticamente sobre sua prática pedagógica, a fim de que possa promover mudanças efetivas no seu fazer pedagógico, tornando suas aulas mais instigantes, dinâmicas e estimulantes aos estudantes dessa Geração Z. E acreditamos que uma das formas de se fomentar essas mudanças é pelas pesquisas em Linguística Aplicada.

## A IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE

A sociedade está em constante mudança e o homem como um ser social deve estar atento a essas mudanças. Nesse contexto, observamos que a situação da educação no Brasil tem sido o alvo de debates não só sobre as condições de ensino como também da formação profissional docente. Outrossim, vivemos em uma sociedade que pouco tem dado importância ao professor como o responsável pela formação de crianças e jovens como também em função dessa desvalorização profissional, o docente é visto como o reproduzidor de conhecimentos já elaborados. Assim, na discussão dessa questão, vale analisar a formação docente e a construção da identidade profissional docente, conforme ressalta Pimenta (1997) quando escreve sobre a natureza do trabalho docente e o real papel das licenciaturas na formação do professor e na construção de sua identidade.

[...] Espera-se, pois, que mobilize os conhecimentos da teoria da educação e da didática, necessários à compreensão do ensino como realidade social e, que desenvolva neles, a capacidade de investigar a própria atividade para, a partir dela, constituírem e transformarem os seus saberes-fazer docentes num processo contínuo de construção de suas identidades como professores. (PIMENTA, 1997, p. 6).

Nessa perspectiva, discorreremos, a seguir, acerca da construção da identidade do professor de Língua Portuguesa e a construção da identidade do professor de Língua Inglesa.

## **A IDENTIDADE DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Segundo o dicionário Amora (2009, p. 369), “[...] identidade é um conjunto de características próprias de uma pessoa,” ou seja, atributos por meio dos quais é possível individualizá-la. Desse modo, para analisarmos as questões que cercam a identidade profissional do professor, é preciso que consideremos os inúmeros desafios que o professor enfrenta e que são determinantes para a construção de sua identidade. Assim, fatores como a desvalorização social, os baixos salários, a falta de prestígio social, más condições de trabalho além de jornadas exaustivas de trabalho são alguns dos percalços enfrentados pelo professor cotidianamente no exercício de sua profissão. Portanto, refletir acerca da identidade profissional docente requer o entendimento de como ela se constrói. Assim, Pimenta quando fala sobre as significações sociais na construção da identidade profissional ressalta que:

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir das significações sociais da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. [...] Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor conferem à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida: o ser professor. (PIMENTA, 1997, p. 7).

Desse modo, analisando o processo de construção da identidade profissional docente, ressaltamos a contradição entre a imagem que o professor faz de si mesmo, do trabalho que desenvolve e como o professor avalia sua prática. Nesse contexto, Di Raimo e Peron (2010, p. 332) escrevem que “Com efeito, o esforço tão valorizado pelos professores no domínio de regras está diretamente atrelado a uma imagem de língua tida como gramática ou como um sistema fechado [...]”. Em outras palavras, concordando com as palavras dos autores, entendemos que a escola contribui com a imposição de uma língua perfeita, normativa, que favorece de modo significativo na construção da imagem que o professor faz de sua prática e da influência que sua atividade docente exerce em sua identidade pessoal e profissional além da influência que os saberes exercem na formação docente. Nesse sentido, Tardif (2014, p. 54) esclarece que

[...] os saberes experienciais surgem como núcleo vital do saber docente, núcleo a partir do qual os professores tentam transformar suas relações de exterioridade com os saberes em relações de interioridade com sua própria prática [...].

Desse modo, assim como em outras áreas do conhecimento, o professor de Língua Materna também leva consigo os saberes adquiridos no exercício de sua prática

profissional e que contribui de forma significativa para a construção de sua identidade, ou seja, de seu eu - professor. Nesse contexto, compreendemos que, sendo o ensino de línguas extremamente vasto e o conhecimento linguístico relevante para o desenvolver do conhecimento das demais áreas da ciência, o professor de Língua Materna tem sob seus ombros a responsabilidade de ser um intelectual responsável por tornar seus alunos competentes linguisticamente, despertando nos mesmos o interesse pelas aulas de língua que nem sempre são estimulantes para a maioria.

Portanto, o professor como sujeito de sua prática, constrói sua identidade de modo que os sujeitos envolvidos nesse processo dinamizam-no em uma troca que, gradativamente, vai possibilitando o autoconhecimento, que gera a reflexão propulsora da necessidade de ressignificação de sua prática e de seu fazer docente.

## **A IDENTIDADE DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA**

Ao longo dos anos, a academia pouco tem avançado em transpor a barreira de preparar seu futuro profissional em um professor/ pesquisador. E isso é registrado nesse estudo, uma vez que, para se alcançar melhores resultados em sala de aula, os professores precisam, ainda em sua formação inicial, ser preparados a respirar pesquisa. E é por esse viés que suas práticas poderão ser repensadas, revisitadas e, possivelmente, reavaliadas. Sendo importantes esses debates da área da educação acerca do papel da pesquisa na formação inicial e continuada, assim como na prática docente dos professores, André (2012, p. 59) defende que

A tarefa do professor no dia a dia de sala de aula é extremamente complexa, exigindo decisões imediatas e ações, muitas vezes, imprevisíveis. Nem sempre há tempo para distanciamento e para uma atitude analítica como na atividade de pesquisa. Isso não significa que o professor não deva ter um espírito de investigação. É extremamente importante que ele aprenda a observar, a formular questões e hipóteses e a selecionar instrumentos e dados que o ajudam a elucidar seus problemas e a encontrar caminhos alternativos na prática docente. E nesse particular os cursos de formação têm um importante papel: o de desenvolver, com os professores, essa atitude vigilante e indagativa, que os leve a tomar decisões sobre o que fazer e como fazer nas suas situações de ensino, marcadas pela urgência e pela incerteza.

No que tange ao profissional de Língua Inglesa, além de também não ser instigado para pesquisar suas possíveis (futuras) práticas ainda na academia, há algumas considerações feitas acerca da sua formação inicial, assim como suas crenças, além da sua condição ao término do curso de Letras, ou seja, só ter o aporte teórico da aprendizagem e das técnicas de ensino que, muitas vezes, estão distanciados do que um professor de línguas estrangeiras irá se deparar em uma sala de aula. Além disso, quando estão atuando em sua área de formação, sentem os impactos da desvalorização de sua profissão e têm que acumular mais de um local de trabalho para suprir suas demandas, sendo expostos à violência dentro da sala de aula, entre outros. Nessa construção da identidade profissional,

Pimenta (2000, p. 19 *apud* PAPI, 2005, p. 51) enfatiza que a autora ressalta a importância da definição de uma

[...] nova identidade profissional do professor [...]", construída a partir da revisão das tradições e da significação social da profissão, do confronto teórico-prático, da análise sistemática das práticas à luz das teorias, do significado que cada um dá à sua atividade, das representações, dos futuros professores, assim como das relações estabelecidas com outros professores e com os sindicatos.

Essas questões identitárias refletem-se diretamente na atuação do profissional de ensino de línguas e, como reitera Celani (2001, p. 32-33 *apud* PAULA, 2010, p. 2)

Apesar de satisfazer os requisitos necessários para podermos considerar o ensino de línguas uma profissão "ainda temos que enfrentar uma situação em que essa atividade, o ensino, ainda é encarada, até pelo poder governamental, como simples ocupação, ou seja, como bico, isto é, um emprego subsidiário [...].

Todas essas variáveis precisam continuar sendo refletidas na construção da identidade profissional desse professor de línguas, em particular de Língua Inglesa, pois de acordo com Gauthier *et al.* (2006), por muito tempo as pesquisas que tratavam da compreensão dos motivos que geravam o sucesso ou não dos alunos, não consideraram o fazer dos professores em sala de aula, possivelmente pela profissão de docente não ter seu devido reconhecimento ao longo da história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste trabalho foi apresentar uma reflexão sobre a identidade do professor de línguas e a influência exercida pelo dia a dia do professor na construção de sua identidade, particularmente as Línguas Portuguesa e Inglesa. Nesse sentido, também reiteramos a importância da Linguística Aplicada e sua contribuição no que concerne à realidade do ensino de línguas no Brasil.

Em nossas pesquisas, buscamos a contribuição da LA a fim de esclarecer a realidade do ensino e da aprendizagem de línguas em sala de aula, reiterando a relevância desses estudos linguísticos para o desenvolvimento do ensino e para as mudanças que se fazem necessárias na educação do Brasil. Além disso, buscamos suscitar uma reflexão acerca da construção da identidade profissional docente, evidenciando-a como a que resulta de um conjunto de outras identidades alimentadas ao longo de sua prática. Nesse sentido, demonstramos alguns dos percalços enfrentados pelo professor de línguas em sua prática, bem como as dificuldades enfrentadas pelo aluno no aprendizado de línguas no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Maneiras de compreender a linguística aplicada. **Revista do Programa de Pós-graduação em Letras**, Santa Maria, n. 2, p. 1-7, dez. 1991. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/viewFile/11407/6882>. Acesso em: 1º jul. 2018.

AMORA, A. S. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

ANDRÉ, M. Pesquisa, formação e prática docente. In: ANDRÉ, M. (org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 12. ed. Campinas: Papirus, 2012.

AQUINO, P. L. G. **A língua portuguesa e alguns de seus aspectos**: história, características e os acordos ortográfico. 2010. Monografia (Graduação em Letras) – Instituto Superior de Educação, Faculdade Alfredo Nasser, Aparecida de Goiânia, 2010. Disponível em: <http://www.unifan.edu.br/files/pesquisa/A%20L%C3%8DNGUA%20PORTUGUESA%20E%20ALGUNS%20DE%20SEUS%20ASPECTOS%20HIST%C3%93RIA,%20CARACTER%C3%8DSTICAS%20E%20OS%20ACORDOS%20ORTOGR%C3%81FICOS%20-%20PRISCILA%20LOYOLA.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2018.

ARANHA, M. B. R. Origem da língua inglesa e gênese do seu ensino como língua estrangeira no Brasil. In: CAVALCANTE, L. R.; CARNEIRO, M. F.; SANTOS, N. S. A. (orgs.). **Ensino de línguas e discurso**: reflexões e práticas. São Luís: EDUFMA, 2015.

BITTENCOURT, Z. A. *et al.* **A compreensão leitora nos anos iniciais**: reflexões e propostas de ensino. Petrópolis: Vozes, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **PCN + Ensino Médio**: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: linguagens, códigos e suas tecnologia. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>. Acesso em: 1º jul. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

DI RAIMO, L. C. F. D.; PERON, A. P. A(s) identidade(s) do professor de língua portuguesa em conflito: entre o discurso de futuros professores e os documentos oficiais. **Revista Linguagem & Ensino**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 319-345, 2010. Disponível em: <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/59/0>. Acesso em: 1º jul. 2018.

FARACO, C. A.; CASTRO, G. de. Por uma teoria linguística que fundamente o ensino de língua materna (ou de como apenas um pouquinho de gramática nem sempre é bom). **Educar em Revista**, Curitiba, v. 15, n. 15, p. 1-9, 1999. Disponível em: [http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos\\_15/faraco\\_castro.pdf](http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_15/faraco_castro.pdf). Acesso em: 1º jul. 2018.

GAUTHIER, C. *et al.* **Por uma teoria da pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

LEFFA, V. J. **Língua estrangeira**: ensino e aprendizagem. Pelotas: Educat, 2016.

LIMA, R. P. O ensino de língua portuguesa: aspectos metodológicos e linguísticos. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 4, n. 1. p. 4-19, jan./dec. 1985.

LOPES, L. P. da M. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola editorial, 2006. MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I.F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. **Linguística aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009.

MILLER, I. K. de. Formação de professores de línguas: da eficiência à reflexão crítica e ética. Entrevista com Kanavillil Rajagopalan: ponderações sobre Linguística Aplicada, política linguística e ensino-aprendizagem. In: LOPES, L. P. da M. (org.). **Linguística aplicada na modernidade recente**: festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013.

PAPI, S. de O. G. **Professores**: formação e profissionalização. Araraquara: Junqueira & Marin, 2005.

PAULA, L. G. de. O processo de construção da identidade do professor. **Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG**, Inhumas, v. 2, n. 1, p. 7-16, mar. 2010. Disponível em: [www.ueginhumas.com//revelli](http://www.ueginhumas.com//revelli). Acesso em: 1º jul. 2018.

PIMENTA, S. G. Formação de professores - saberes da docência e identidade do professor. **Nuances**, São Paulo, v. 3, p. 5-14, set. 1997. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1287224/mod\\_resource/content/1/Pimenta\\_Form%20de%20profs%20e%20saberes%20da%20docencia.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1287224/mod_resource/content/1/Pimenta_Form%20de%20profs%20e%20saberes%20da%20docencia.pdf). Acesso em: 4 abr. 2018.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução Antonio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHMITZ, J. R. Lingüística aplicada e o ensino de línguas estrangeiras no Brasil. **Alfa Revista de Linguística**, São Paulo, v. 36, p. 213-236, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3921/3602>. Acesso em: 1º jul. 2018.

SELBACH, S. *et al.* **Língua estrangeira e didática**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SOUSA, W. L. de. A linguística aplicada ao ensino de língua portuguesa: o ensino-aprendizagem da Língua Materna no espaço da sala de aula 1. **Revista Eventos Pedagógicos**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 599-610, abr. 2012. Número especial. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/604/411>. Acesso em: 21 jul. 2018.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

# AS FACES DA EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# AS FACES DA EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

